

AS REPRESENTAÇÕES DO MEDO, DO TRAUMA E DA VIOLÊNCIA EM *MAX E OS FELINOS DE MOACYR SCLIAR*

Célia Maria Borges Machado (ILEEL/UFU)

Célia.m@uol.com.br

RESUMO: O trabalho aqui apresentado pretende fazer uma reflexão sobre como o medo, a violência e o trauma se configuram na obra “Max e os Felinos” de Moacyr Scliar, publicada em 1981. Trata-se de uma fábula novelesca em que Max, o protagonista da obra, enfrenta muitos medos. Seu pai era um peleteiro de Berlim, um vendedor de peles, grosso e mal-humorado, que um dia obriga Max ir à sua loja, à noite, para apanhar um jornal que lá esquecera e desejava ler. Na loja, havia um tigre empalhado, cuja origem vinha de uma caçada que o pai fizera à Índia, onde o abatera. O tigre empalhado e as recordações de como o comerciante o matara aterrorizavam o pequeno Max. Mais tarde, já cursando a faculdade, Max se envolve em manifestações antinazistas e acaba vítima das perseguições de Hitler, precisando deixar a Alemanha às pressas. É no percurso de viagem que o garoto enfrenta seu maior medo: a embarcação em que viaja naufraga e resta ao jovem herói um pequeno escaler que ele acaba tendo de dividir com um grande felino, um jaguar. Passado mais esse susto, Max se instala em uma região montanhosa no Rio Grande do Sul e descobre que os nazistas que o perseguiram na Alemanha estão ali também. É mais um perigo a enfrentar. Todos esses perigos e medos são formas encontradas por Moacyr Scliar para representar, na literatura, as perseguições e os traumas vividos pelos judeus na Alemanha nazista, as representações da memória de seus antepassados, bem como as dificuldades de adaptação experienciadas pelos imigrantes judeus quando aportaram em terras brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Representações literárias, medo, trauma e violência.

[...] o esquecimento é necessário para a criação. Se o esquecimento é habitualmente pensado como uma falha, uma falta, um vazio a ser preenchido, Nietzsche traz uma noção positiva de esquecimento, na qual está inscrita a possibilidade da criação, noção positiva que aparece figurada na criança. (DOUEK, 2003.p.12)

Ao ver o esquecimento como algo positivo, pelo qual se inscreve a possibilidade de criação, Nietzsche apresenta a chave para se compreender como são “feitos” os grandes contadores de histórias. Na verdade, o esquecimento está ligado à memória, que por sua vez se liga à História ou às grandes narrativas ficcionais, como também aos ficcionistas e memorialistas de nossos tempos. O escritor gaúcho Moacyr Scliar está inserido nesse grupo. De ascendência judaica, ao longo de toda a sua carreira de escritor, trabalhou pelo resgate da história e da memória judaico-brasileira.

Segundo Reginal Igel (1997), a manifestação cultural de judeus na cultura brasileira é recente e ela ocorre como fenômeno literário. A estudiosa também aponta que os elementos judaicos e sua complexidade têm sido resgatados pelos imigrantes judeus estabelecidos no Brasil no início do século XX, por seus descendentes aqui nascidos e por aqueles que vieram refugiados e sobreviventes da Segunda Guerra Mundial.

Sendo descendente de imigrantes judeus oriundos da Bessarábia, os quais vieram fugidos do anti-semitismo que grassava na Europa no início do século XX (cf. SCLIAR, 2000:27), Scliar buscou traduzir essas experiências em suas obras. Isto é, a perseguição aos judeus, a pobreza, as dificuldades vividas no continente europeu não foram vividas por ele, mas como ouvinte atento e fecundo dessas histórias, buscou reproduzi-las em suas narrativas.

Max e os felinos retrata essas vicissitudes. A obra se inicia concedendo ao leitor uma pequena biografia do herói que a protagoniza. Max é um garoto “nascido em Berlim, em 1912, era filho de um peleteiro e cresceu entre peles” (SCLIAR, 2014.p:39). Segundo o narrador, Max apreciava muito as peles de leopardo, mas estas eram raras na loja do pai, que, por sinal recebera um curioso nome: “Ao tigre de Bengala.” A família era simples e habitava um bairro pobre em Berlim. O pai era um homem rude, grosseiro, mas a mãe era “uma mulher pequena e tímida, sensível, não desprovida de certa cultura” que, à noite, sonhava e recitava “em voz alta versos de Goethe e Schiller” (SCLIAR, 2014.p:40), o que enfurecia o marido que a acordava aos safanões.

Max cresce nesse ambiente e herda da mãe o espírito sensível, a timidez e o recato, mas é maltratado e espezinhado pelo pai que não aceita seus modos, apelidando-o de “covarde”, “maricas”. O garoto vive assim em um lar que é um misto de grosseria e cultura e cresce cheio de medos. Os gritos do pai, seus maus modos – pois se tratava de um comerciante charlatão, uma vez que enganava os clientes na loja –, tornava-o inseguro e triste. Seu refúgio era o depósito do estabelecimento comercial, local em que se alojavam as peles dos animais, onde Max se sentia feliz. Segundo o narrador

Desde criança habituara-se a procurar refúgio no depósito da loja, um aposento de dimensões reduzidas que recebia um pouco de luz através de uma janelinha guarnecida de grossas barras de ferro. Naquele lugar Max se sentia feliz. Gostava de enfiar o rosto nas peles, principalmente (e isto veio a se revelar irônico) nas de felino. Estremecia de esquisita emoção ao lembrar que aquela pele um dia recobriria o corpo de um elegante animal que correria a África atrás de gazelas. Apenas o despojo de um bicho? Sim. Para Max, contudo, era como se a fera estivesse ali, viva. (SCLIAR, 2014.p:40).

Há nessa passagem vários indícios de violência. Primeiro, por o depósito da loja representar um refúgio para Max e sua arquitetura não oferecer liberdade, pois tem “dimensões reduzidas”; também a informação de que a luz que ilumina o local chega até ali por meio de uma “janelinha”, que por sua vez é protegida por barras de ferro e, por último, a idéia de estar em meio a feras, os felinos representados pelas peles. Com muita leveza e graça, Scliar vai conduzindo o leitor ao mundo infantil de Max, porém trazendo elementos que indiciam dor e opressão e, nesse viés, a narrativa requer um leitor maduro, que se sinta provocado pelo narrador que lhe apresenta signos bastante significativos com muita sutileza e possa investigar os porquês desses elementos.

Sobre o balcão da loja “Ao tigre de bengala” havia um belo representante do felino: um tigre empalhado que fora caçado nos campos da Índia, país que o pai visitara com os amigos do “Clube dos Caçadores”, do qual Max tinha muito medo. Os olhos de vidro do animal sempre reluziam de uma maneira que apavorava o pequeno garoto. Mas, é nesse lugar também que Max, aos nove anos, enfrenta seu primeiro e grande terror. Após o jantar, o pai o obriga a ir à loja para apanhar um jornal que esquecera sobre o balcão. A distância entre a casa dos Schmidt e a loja tinha um percurso considerável. E a mãe, consciente dos medos de Max, implora a Hans Schmidt que não imponha tal crueldade ao filho. O comerciante, porém, não ouve a pequena Erna e o garoto sai em meio à escuridão rumo ao estabelecimento.

Na rua, Max se depara com uma multidão de pessoas carregando tochas e cantando hinos. Trata-se de um grupo de socialistas e um lhe faz sinal para acompanhá-los. Só que... “de repente, tropel de patas¹: policiais montados investiam contra os manifestantes, sabres desembainhados. Na confusão, Max viu um homem tombar, o crânio partido por uma espadeirada.” (SCLIAR, 2014.p:42). O menino corre desesperadamente para a loja e mal consegue colocar a chave na fechadura. Ao adentrar o recinto, esconde-se atrás de um manequim até acalmar-se. Quando os gritos na rua cessam, avança para apanhar o jornal, mas para pegá-lo, precisa passar pelo tigre com seus olhos de vidro. Apavorado, imagina várias situações para não ter que avançar. O

¹ Remeto o leitor ao romance “A Majestade do Xingu” de Moacyr Scliar, à página 15, em que o narrador do romance explica o que é o *pogrom* que lhe advém à memória por conta da imagem do ‘tropel de cavalos: “O *pogrom*. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes – logo estavam ali, aqueles demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as casas. O *pogrom*, doutor, era um massacre organizado, uma válvula de escape para as tensões do império. (SCLIAR, 2001.

p.15). Em *Max e os felinos* há essa remissão ao *pogrom*, embora sejam outros ‘soldados’, não os cossacos, mas soldados alemães nazistas que investiam contra os manifestantes.

telefone da loja então começa a tocar insistentemente e ele se decide. Assim, empurra o manequim e corre para pegar o jornal sobre o balcão, mas tropeça e joga o boneco sobre os vidros do móvel que quebram, ferindo a mão de Max. Ao chegar em casa com o periódico, o entrega ao pai e desmaia. Mas, o episódio acaba traumatizando-o, pois suas noites de sono lhe eram roubadas por pesadelos com o animal.

O trauma vivido pelo pequeno Max faz remissão à memória e história do povo judeu sofrido e maltratado na Europa. Scliar se valendo da imagem do “tropel de patas” rememora, por meio do narrador, as histórias e sofrimentos narrados pelos imigrantes judeus que fugiam do velho continente em busca de um lugar seguro para morar, onde não fossem vítimas do preconceito e do racismo. O medo, a insegurança e a dor eram elementos constantes na vida dos judeus pobres do Leste Europeu e o *pogrom* representava uma forma de poder arbitrário instalado na Europa, que aparecera por volta do século XII, apoiado por governantes. Pode-se afirmar, ainda, que o *pogrom* é o embrião da *shoah*², pois é a manifestação coletiva do ódio aos judeus e o leitor de Moacyr Scliar encontra ecos dessa história em toda a sua obra literária.

Anos mais tarde, já cursando faculdade, Max acaba novamente envolvido em mais uma situação de terror. Participa de manifestações antinazistas e, sendo denunciado, acaba tendo de sair às pressas da Alemanha. Sua amante, Frida, antiga funcionária da loja “Ao tigre de Bengala” consegue para ele uma passagem para Hamburgo, de onde tomaria um navio, ironicamente denominado *Schiller*, que o levaria ao Brasil. Ao chegar, porém, Max fica sabendo que o navio partira. Outrossim, é-lhe indicado outro cargueiro com o mesmo destino, no qual o jovem embarca, embora sem muita convicção ou esperança, uma vez que o capitão não denotava confiança. “Tinha longas barbas negras, e, como os antigos piratas, usava uma venda sobre um olho.” (SCLIAR, 2014. p.57). Observa-se que Scliar, aqui e ali, vai dando pistas ao leitor de que a viagem terá um desfecho inusitado.

Mais uma vez Moacyr Scliar denota aqui outro fato que remonta à história dos judeus: a diáspora e o antissemitismo. A fuga da Alemanha pode simbolizar a saída dos hebreus do Egito. Em Gênesis, Abrão, depois de receber a missão divina de sair de sua terra para habitar a prometida, quando nela aporta muda de nome, passando a se chamar Abraão. (Genesis, 17, 5). Vale a comparação: Max era um menino tímido e medroso, mas a travessia do Atlântico vai transformá-lo, pois os muitos enfrentamentos pelos quais passa, modificam-no de maneira singular. No dizer de Regina Zilberman: “do mínimo ao

² *Shoah* ou Holocausto. Trata-se do assassinato de mais de seis milhões de judeus, durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de extermínio nazistas.

máximo.” (ZILBERMAN, In: SCLIAR, 2012, 17). Por outro lado, Max foge também da perseguição antissemita, pois o marido de Frida, um fanático defensor de Hitler ajuda a compor seus perseguidores.

O navio, porém, não chega ao destino, pois naufraga. Max acaba tendo que ‘pilotar’ um escaler que encontra na popa da embarcação, no qual se salva. Cabia agora somente a ele conduzir a embarcação ou a “própria vida”. Era necessário ser corajoso. Estava só e precisava enfrentar todos os perigos e medos que o mar agora oferecia. Após longas horas debaixo de um sol escaldante, sofrendo alucinações constantes em razão da insolação, o jovem náufrago sente que precisa encontrar proteção e atrai para si uma caixa que bóia na água, pois acreditava fazer com ela “uma espécie de cabana” (SCLIAR,2013, p.63) para se proteger. Max então

Puxou a caixa para junto do barco. Examinou-a e constatou que tinha, na parte superior, uma tampa fechada por um cadeado que agora, quebrado, pendia frouxo. Max retirou-o.

Alguma coisa pulou de dentro da caixa, arremessando-o com força inaudita contra o chão do escaler. Max bateu com a cabeça, perdeu os sentidos.

Aos poucos foi se recuperando. Abriu os olhos.

O berro que soltou atrozou os ares. Diante dele, sentado sobre o banco do escaler, estava um jaguar. (SCLIAR,2013, p.63-64).

A presença do tigre na obra é outro elemento que se abre para uma pluralidade de leituras, uma vez que é altamente simbólica, pois vai representar os poderes opressores pelos quais passam Max. Se nosso olhar se cliva para o personagem e os motivos de sua travessia no Atlântico, o jaguar vai representar, na vida de Max, em uma primeira circunstância, a figura castradora do pai e seus modos violentos e agressivos, ou seja, o tigre empalhado que ficava sobre o balcão da loja do pai agora fisicamente o aterroriza, o oprime, obrigando-o a lutar dia e noite pela vida, uma vez que precisa estar acordado para alimentá-lo, pois se não o fizer, torna-se o alimento do felino.

Em uma segunda mirada, o jaguar poderá representar os regimes ditatoriais. De um lado e considerando o local de partida do jovem náufrago, a Alemanha representa Hitler, sua polícia e política antissemita que perseguiu e matou milhares de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Por outro, e atentando para a data de publicação do livro, 1981, o tigre também representa, com sua força e garras, o poder da ditadura militar no Brasil. O próprio Scliar menciona isso na obra “O texto, ou: a Vida”. Em suas palavras temos: “Max e os felinos é uma alusão ao clima político então reinante naquela fase. O jaguar parece-me um claro símbolo do autoritarismo”. (SCLIAR, 2007. p.123).

Já o dicionário de Símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant traz que os Maias concebiam o jaguar como uma divindade ctoniana, isto é, aquela que reside nas cavidades da terra e expressa suas forças supremas. Por esse viés, o jovem Max também pode ser interpretado como um adolescente que enfrenta os mais diversos desafios de forma inconseqüente. Torna-se amante da esposa de um nazista, sai de sua terra natal às pressas e embarca em um navio ‘ilegal’. Isto é, em meio a tantas peripécias, o garoto precisa buscar sua força interior para sobreviver. Ele está sempre em uma situação limítrofe entre vida e morte. O barco, por exemplo, torna-se um arremedo de embarcação: frágil e insegura; não bastasse isso, surge o felino, pronto para devorá-lo. E o oceano, por sua vez, oferecendo inúmeros perigos. É como se Max precisasse nascer de novo e, nesse sentido, o mar representa essa travessia. Da morte para a vida e Max precisa, assim, buscar as ‘forças supremas’ para alcançar o outro lado da terra, o Brasil, e aí empunhar uma nova luta.

No Brasil, novas circunstâncias trazem ao jovem imigrante mais angústias. Ele se instala em uma pensão em Porto Alegre e toma lições de português com uma jovem, filha da pensionista. Em meio às angústias que o assaltavam ao longo dos dias, o exílio, o sofrimento e a dor eram constantes. O narrador assim nos conta:

[...] era-lhe difícil pensar em qualquer coisa que não o doloroso passado. Muitas vezes chorava lembrando os pais. Gostaria de escrever-lhes, contando que, apesar da fuga precipitada, tudo estava bem; que estava vivendo num país de gente amável, e que se sentia feliz, ou quase feliz. Mas não se atrevia a mandar uma carta, que poderia complicar a situação dos pais; pelo que entendia de leitura dos jornais, o regime nazista estava cada vez mais firme, mais arrogante, mais prepotente com os adversários, reais ou supostos. (SCLIAR, 2012, p.85)

A dificuldade de comunicação, a ausência terna dos pais, o desejo de contar como estava são impossibilitados. Esses elementos nos fazem perceber que Max e os felinos apresenta para o leitor dois temas caros em toda a obra de Moacyr Scliar: a imigração e o poder autoritário. Max agora vive em Porto Alegre, está em um país cuja imagem os judeus traziam como um paraíso, sendo: “fartura, abundância, eis o que significava o trópico para os imigrantes” (SCLIAR, 2000, p.34), mas era um estrangeiro solitário e impossibilitado de comunicar com os seus. Assim, Max ainda terá que enfrentar muitos desafios para se manter na terra estrangeira. Seus medos, suas dores, suas preocupações são vividas na mais intensa solidão e ele terá que enfrentar todos os medos e desafios de sua nova vida para garantir sua sobrevivência.

A leitura de “Max e os felinos” provoca a todo o momento e exige que o leitor fique atento às circunstâncias históricas e sociais que ela projeta. É um texto que exige muita maturidade leitora porque, ao longo de toda a narrativa, o autor mobiliza elementos da composição ficcional que visam recriar fatos violentos da história dos judeus e dos brasileiros, para traduzi-los de forma leve e graciosa aos seus leitores. Pela figura do jovem imigrante, observa-se que o texto de Moacyr Scliar tematiza as mais diferentes formas de representação do medo, da intolerância e do preconceito presentes em nossa sociedade, o que faz romper com o mito de que o Brasil é nação gentil, cuja sociedade convive harmoniosamente com as mais diferentes etnias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- A Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Edição Sociedade Bíblica do Brasil, 1931.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1999.
- MACHADO, Célia Maria Borges. Memória e narrativa no romance A Majestade do Xingu de Moacyr Scliar. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- SCLIAR, Moacyr. Max e os felinos. Porto Alegre: L & PM Editores, 2014.
- SCLIAR, Moacyr e SOUZA, Márcio. Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
- SCLIAR, Moacyr. Judaísmo: dispersão e unidade. São Paulo: Ática, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe. História e Memória em Walter Benjamin e Cris Marker: a escrita da Memória. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. (Org.). História, Memória e Literatura. O testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.p.391-417
- ZILBERMAN, Regina. Max, do mínimo ao máximo. In: SCLIAR, Moacyr. Apresentação. Max e os felinos. Porto Alegre: L & PM Editores, 2014,p.17-18.